

A missiologia de Francisco

Francis' missiology

Stefano Raschietti¹

Resumo

Esse ensaio aborda a concepção de missão do papa Francisco e suas implicações para a vida da Igreja hoje. Examinando seus principais documentos, algumas de suas mensagens, discursos e intervenções significativas, emergem quatro aspectos que nos ajudam a compreender seu pontificado sob a perspectiva da missão: (1) a clareza de sua visão teológica; (2) a configuração da Igreja “em saída” como essência e dinamismo irrenunciáveis; (3) a inovação na maneira de entender o impulso *ad gentes – inter gentes*, particularmente, no que diz respeito aos interlocutores da missão; (4) o amável toque pastoral ao apontar caminhos concretos de proximidade, de encontro e de saída de si.

Palavras-chave

Francisco. Missão. Missiologia. Igreja. Pastoral.

Abstract

This essay addresses pope Francis' conception of mission and its implications for the life of the Church today. Examining his main documents, some of his messages, speeches and significant interventions, four aspects emerge that help us to understand his pontificate from the perspective of mission: (1) the clarity of his theological vision; (2) the configuration of the Church “going forth” as an inalienable essence and dynamism; (3) innovation in the way of understanding the impulse *ad gentes – inter gentes*, particularly with regard to the interlocutors of the mission; (4) the kind pastoral touch in pointing out concrete ways of closeness, of encounter and of going out of oneself.

Keywords

Francis. Mission. Missiology. Church. Pastoral.

INTRODUÇÃO

Missão e missionariedade são temas centrais no magistério de Francisco. Talvez nunca tenha havido um papa que recorresse tão insistentemente a esses termos e de maneira tão determinante e paradigmática para toda a vida da Igreja. A expressão *Igreja em saída*, bordão programático de seu pontificado, transparece nele como uma convicção profunda da essência, do caminho e do jeito que a Igreja é chamada a assumir para ser testemunha fiel do Evangelho nessas primeiras décadas do século XXI.

Mais atentamente podemos nos perguntar: qual exata noção esse papa tem de missão? Em qual teologia e práxis se remete? Quais diretrizes concretas quer propor à Igreja hoje?

Podemos logo perceber, ao longo de seus 11 anos e desde o começo de seu pontificado, a atualização missiológica de Francisco, seus aportes genuinamente latino-americanos, a nítida percepção da necessidade de uma conversão eclesial em termos de saída, a perspicácia em apontar horizontes de sentido e o apelo para uma ousada ação evangelizadora junto ao seu pessoal testemunho.

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Università Urbaniana. Professor do Studium Theologicum. Contato: rasquio@yahoo.com.br.

A missiologia de Francisco

Examinando seus principais documentos, algumas de suas mensagens, discursos e intervenções significativas, emergem quatro aspectos que nos ajudam a compreender o pontificado de Francisco sob a perspectiva da missão: (1) a clareza de sua visão teológica; (2) a configuração da *Igreja em saída* como essência e dinamismo irrenunciáveis; (3) a inovação na maneira de entender o impulso *ad gentes – inter gentes*, particularmente, no que diz respeito aos interlocutores da missão; (4) o amável toque pastoral ao apontar caminhos concretos de proximidade, de encontro e de saída de si.

1 VISÃO TEOLOGAL DA MISSÃO: MISSIO DEI

Em primeiro lugar, podemos destacar a clareza teológica de Francisco em entender a missão da Igreja a partir da *missio Dei*. Essa categoria é central na renovação da teologia da missão e da própria concepção de missão promovida pela reforma conciliar. Pois, por trás da afirmação fundamental de que “a Igreja peregrina é por sua natureza missionária”, logo se esclarece que “tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus pai, na missão do filho e do Espírito Santo” (AG 2). E ainda o decreto *Ad gentes* acrescenta:

Este desígnio brota do “amor fontal”, isto é, da caridade de Deus pai, que, sendo o princípio sem princípio de quem é gerado o filho e de quem procede o Espírito Santo pelo filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, criando-nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória. (AG 2).

A missão “brota” do “amor fontal” do pai, um amor que transborda – “derrama” – um amor criador que chama a partilhar e a participar de sua vida e de sua glória. A Igreja é missionária porque é chamada a participar da vida divina, e essa vida, que é vida eterna, que é vida doada (DAp 360), chama-se “missão”: Deus é missão, porque Deus é amor (1Jo 4,16), um amor não se contém e que sai de si.

Portanto, como já dizia Jürgen Moltmann (1975, p. 29), não é uma Igreja que tem uma missão, mas é uma missão que tem uma Igreja. Não se trata mais de falar de missão como uma atividade da Igreja, mas como essência divina fundamental da qual a Igreja participa: uma sutil mudança de eixo de uma compreensão de ordem soteriológica e/ou eclesiológica da missão, para uma ordem eminentemente teológica (BOSCH, 2007, p. 466).

Essa categoria da *missio Dei*, que se desdobra na ação histórico-salvífica da trindade no mundo, e da qual decorre a origem e a estrutura trinitária da própria missão da Igreja, é ainda um paradigma a ser assumido e assimilado pela consciência eclesial universal, que geralmente enxerga a missão ainda – principalmente – como ação evangelizadora das comunidades cristãs e como *continuação* da obra de Jesus de Nazaré e seus discípulos.

Em vários documentos eclesiais encontramos frequentemente essa noção de *continuação* da obra de Cristo por parte da Igreja,² que por si é imprecisa se relacionada ao conceito de *missio Dei*.

No entanto, Francisco parece ter bastante familiaridade com essa noção e suas implicações, na maneira exata de entender a missão, e, portanto a própria essência da Igreja. Na *Evangelii gaudium* ele afirma:

Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com ele e impelir-nos com a força do seu Espírito. A verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir, aquela que ele inspira, aquela que ele provoca, aquela que ele orienta e acompanha de mil e uma maneiras. Em toda a vida da Igreja, deve-se sempre manifestar que a iniciativa pertence a Deus. (EG 12).

A Igreja, portanto, não *continua* a obra de Jesus, mas *coopera* com a ação de Deus, termo que é de origem paulina e que destaca a primazia da iniciativa divina na evangelização. “Nós somos cooperadores [συνεργοί] de Deus, mas o campo e a construção de Deus são vocês” (1Cor 3,9).

Mais uma vez, Francisco reforça esse conceito retomando as palavras de Bento XVI e destacando a iniciativa gratuita de Deus:

“É sempre importante saber que a primeira palavra, a iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, podemos nos tornar também – com ele e n’ele – evangelizadores”. O princípio da primazia da graça deve ser um farol que ilumina constantemente as nossas reflexões sobre a evangelização. (EG 112).

Em suma, Deus *continua* sua missão no mundo, através da encarnação do filho (LS 236) e da efusão do Espírito: esse Espírito está sempre presente, age, inspira, ilumina, suscita novos caminhos (LS 238): “o ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-Lo em todas as coisas” (LS 233); “ele deseja atuar conosco e contar com a nossa cooperação” (LS 80).

2 IGREJA EM SAÍDA RUMO ÀS PERIFERIAS: MISSIO ECCLESIAE

Essa visão teológica da missão é crucial para entender corretamente a *missio ecclesiae*. Com efeito, se passa de um eclesiocentrismo caracterizado pela noção da *plantatio ecclesiae*, ou da missão entendida como extensão da Igreja (ocidental) no mundo, para um *teocentrismo*, onde o fulcro gravitacional gira ao redor da trindade divina e de sua ação na história.

Agora a Igreja deixa de ser centro autorreferencial para se tornar “*aquele mysterium lunae* de que nos falavam os santos padres” (FRANCISCO, 2013, grifo nosso), ou seja, brilha

² Poderíamos citar entre os principais documentos sobre a missão *Ad gentes* 5, *Evangelii nuntiandi* 15 e *Redemptoris missio* 39.

A missiologia de Francisco

de uma luz que não é dela, uma vez que o *lumen gentium* é somente Cristo (LG 1) e a Igreja é apenas seu reflexo (PE 2).

Consequentemente, a Igreja é por sua essência *missionária*, que significa *enviada*, e não *missionante*, *aquela que envia*. A Igreja não é a origem, nem o caminho e nem a meta da missão. Essa missão não é expansão da Igreja, mas é essencialmente uma dinâmica divina de autocomunicação. Participar dessa dinâmica significa para a Igreja reconhecer sua identidade fundamentalmente *em saída*.

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que [...] tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (1Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos (EG 24).

Para Francisco, a Igreja “nasceu em saída” (FRANCISCO, 2014b), é chamada a estar de portas abertas (EG 46) para ir ao encontro de cada ser humano (FRANCISCO, 2024), centrada em Jesus Cristo (EG 97), facilitadora da fé e não controladora da fé (FRANCISCO, 2013), a fim de evangelizar todos os povos (EG 261): “queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade [...] para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação” (FT 276).

A Igreja em saída é uma Igreja extrovertida, sempre em tensão de abertura rumo aos outros, *ad gentes*, às periferias existenciais.

“Periferia” é outro termo que recorre na missiologia de Francisco. Indica o lugar, o “território”, o contexto específico onde a missão tem que aterrizar: “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20). Essa periferia se torna como que o lugar teológico, onde a *missio Dei* se dá.

Francisco recorre à correlação prebischeana “centro-periferia”³ para apontar de maneira quase obstinada a destinação da saída: a *missio ecclesiae* não está direcionada a qualquer contexto humano, e sim a um lugar específico de pobreza, de afastamento, de marginalidade, de exclusão e de sofrimento. Alcançar as periferias existências é alcançar os extremos do humano. Assim como Charles de Foucauld chegou a sentir-se irmão de todos “somente quando se identificou com os últimos” (FT 287), também “há um sinal que nunca deve faltar em manifestar a beleza do Evangelho: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e

³ Raúl Prebisch (1901-1986), economista argentino, fundador e primeiro secretário-geral da CEPAL, criou as noções de “centro” e “periferia” para falar das relações econômicas internacionais entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. A expressão, utilizada por esse autor desde os anos ‘20, começou a ser sistematizada a partir do texto *O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas*, apresentado na segunda conferência da CEPAL em Havana, em maio de 1949. As ideias básicas do pensamento estruturalista latino-americano provêm dessa concepção de Prebisch que influenciou toda uma geração de estudiosos e analistas latino-americanos (COUTO, 2017).

lança fora” (EG 195). Da mesma forma, “cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus” (EG 272).

A periferia para Francisco é uma *opção ética* que se torna também uma *opção ótica*. A condição existencial de habitar a periferia, esse *estar com*, implica para a Igreja um deslocamento fundamental de perspectiva em termos de enxergar para realidade e aderir a um projeto de mundo global mais justo e solidário. Francisco pondera:

É uma questão hermenêutica: se compreende a realidade somente se a olharmos a partir da periferia, e não se o nosso olhar for colocado num centro equidistante de tudo. [...] Estar na periferia ajuda a olhar e entender melhor, a fazer uma análise mais correta da realidade, distanciando-nos do centralismo e das abordagens ideológicas. Portanto, não serve ser o centro de uma esfera. Para entender devemos ‘deslocar-nos’, olhar a realidade a partir de diversos pontos de vista. (SPADARO, 2013, p. 474).

Aqui aparece em Francisco a perspectiva latino-americana de se situar no “reverso da história”, do lado daqueles que eram ausentes e que agora se tornam presentes (GUTIÉRREZ, 1990, p. 20), migrando de um lugar social de centro para a periferia. Esse deslocamento consiste na “necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (DP 1134).

Situar-se plenamente no mundo da opressão e participar das lutas populares pela libertação levam a uma releitura da fé. Mas essa releitura pressupõe uma localização na história diversa daquela em que se colocam os setores dominantes da sociedade. [...] O locus da teologia da liberdade [...] está nos pobres do subcontinente [...] nas suas lutas pela libertação. (GUTIÉRREZ, 1981, p. 283-284).

Para Francisco, as periferias assumem esse lugar de encontro, de diálogo, de aprendizagem, assim como de indignação, de solidariedade e de luta: “quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspetos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder” (FT 215). Os encontros com os movimentos populares ocorridos no Vaticano (2014; 2016) e em Santa Cruz de la Sierra (2015, Bolívia), manifestaram decididamente e politicamente esse compromisso da *missio ecclesiae* com as organizações sociais das periferias, com os excluídos, com os exilados, com os sobreviventes, com as vítimas daquele colonialismo velho e novo que põe “a periferia em função do centro, negando-lhes o direito a um desenvolvimento integral” (FRANCISCO, 2015).

3 TRANSMITIR A ALEGRIA DO EVANGELHO: MISSIO AD GENTES – INTER GENTES

Por falar em colonialismo, Francisco admite e pede desculpas aos povos originários da América, como já João Paulo II, a respeito da epopeia colonial do Ocidente que viu a participação complacente e pioneira da missão cristã:

A missiologia de Francisco

cometeram-se muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus. [...] Peço humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América (FRANCISCO, 2015).

Por outro lado, o papa faz observar que também houve sacerdotes, bispos que defenderam os povos originários até o martírio. A Igreja e sua atuação fazem parte da identidade dos povos na América Latina. “Identidade que alguns poderes, tanto aqui como noutros países, se empenham por apagar, talvez porque a nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro” (FRANCISCO, 2015).

Francisco pensa a uma missão despojada e descolonizada. “Digamos *não* às velhas e novas formas de colonialismo. Digamos *sim* ao encontro entre povos e culturas” (FRANCISCO, 2015, grifos do autor).⁴ Para o pontífice, a colonização “não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule, todavia não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente” (QA 16). Ela se expressa em “novas formas de colonização cultural” que roubam a alma dos povos, “juntamente com a própria fisionomia espiritual, a sua consistência moral e, por fim, a independência ideológica, económica e política” (FT 14).

Contudo, “é sempre possível superar as diferentes mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade e desenvolvimento” (QA 17). O objetivo da ação missionária deve promover a vida dos povos sem colonizá-los culturalmente, fazendo com que os próprios povos resgatem o melhor de si (QA 28): “temos que evitar de os considerar como ‘selvagens não-civilizados’; simplesmente criaram culturas diferentes e outras formas de civilização, que antigamente registaram um nível notável de desenvolvimento” (QA 29).

Quando, “a partir das nossas raízes nos sentamos à mesa comum, lugar de diálogo e de esperanças compartilhadas” (QA 37),

somos chamados a participar como “convidados” [...] se queremos dialogar, devemos começar pelos últimos. Estes não são apenas um interlocutor que é preciso convencer, nem mais um que está sentado a uma mesa de iguais. Mas são os principais interlocutores, dos quais primeiro devemos aprender, a quem temos de escutar por um dever de justiça e a quem devemos pedir autorização para poder apresentar as nossas propostas (QA 26).

A Igreja em saída, portanto, é uma Igreja que se torna *hóspede* na casa dos outros, e seus destinatários, jamais somente simples receptores de um anúncio, são mais que interlocutores, são *protagonistas* de sua história e de seu projeto de vida:

⁴ Esse tipo de expressões não são bordões de ocasião, mas manifestações de um convencimento profundo que se transformam em Francisco em gestos e ações eminentemente proféticas, como os encontros com os movimentos populares, com os povos indígenas, com os diversos líderes religiosos e de outras igrejas. Francisco se tornou primeiro garante daquela que ele quis chamar “cultura do encontro” (FT 30, 215-217).

o diálogo não se deve limitar a privilegiar a opção preferencial pela defesa dos pobres, marginalizados e excluídos, mas há de também respeitá-los como protagonistas. Trata-se de reconhecer o outro e apreciá-lo “como outro”, com a sua sensibilidade, as suas opções mais íntimas, o seu modo de viver e trabalhar (QA 27).

Exatamente como assinala Steve Bevans, “ao contrário de visualizar as pessoas a serem catequizadas como ‘objetos’ ou ‘alvo’, a teologia e a prática da missão contemporâneas travam uma luta para compreendê-las como o ‘outro’ em sua genuína acepção” (BEVANS, 2016, p. 41). Francisco está perfeitamente em sintonia com essa mais *aggiornata* perspectiva missionária. Dessa maneira, para ele, se a Igreja quiser anunciar sem cessar o querigma, não deve parar “de moldar a sua própria identidade na escuta e diálogo com as pessoas, realidades e histórias do território” (QA 66).

Bem encarnada na história, a perspectiva bergogliana do diálogo declara que “Deus é real e se manifesta no ‘hoje’. [...] Esse ‘hoje’ é o que mais se parece com a eternidade; mais ainda: o ‘hoje’ é uma centelha de eternidade; no ‘hoje’, se joga a vida eterna” (FRANCISCO, 2013). Na *Evangelii gaudium* afirma que “evangelizar é tornar o reino de Deus presente no mundo” (EG 176) e que “a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. [...] a proposta é o Reino de Deus”, porque “na medida em que ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG 180): “a verdadeira esperança cristã, que procura o reino escatológico, gera sempre história” (EG 181).

Vida concreta, história, reino, diálogo, libertação, participação, esperança para os pobres e os outros, são todas realidades e perspectivas da mais genuína caminhada missionária latino-americana, que ressignificam dimensões de fé como vida eterna, encarnação, salvação, transcendência, anúncio, querigma, Igreja, eleição: “Todos nós somos chamados a não reduzir o reino de Deus aos confins da ‘igrejinha’ – a nossa ‘igrejinha’ – mas a dilatar a Igreja às dimensões do reino de Deus” (FRANCISCO, 2014a).

Para Francisco, a Igreja não deve fazer proselitismo, porque “a vida divina não é um produto para vender, mas uma riqueza para dar, comunicar, anunciar: eis o sentido da missão” (FRANCISCO, 2019b). A Igreja cresce pela atração do seu testemunho (QA 14). Sua ação é marcada pela gratuidade divina, “fundamento último” do seu ser (EG 111), que a chama continuamente a sair de si “para proclamar com a vida o amor gratuito e salvífico de Deus por nós, todos chamados a ser irmãos e irmãs” (FRANCISCO, 2022).

A nós, como Igreja, cabe a tarefa de nos fazermos ao largo nas águas deste mar, lançando a rede do Evangelho, sem apontar, sem acusar ninguém, mas levando às pessoas do nosso tempo uma proposta de vida, a de Jesus: levar o acolhimento do Evangelho, convidar para a festa uma sociedade multicultural; levar a proximidade do pai às situações de precariedade, de pobreza, que crescem sobretudo entre os jovens; levar o amor de Cristo onde é frágil a família e se encontram feridas as relações; transmitir a alegria do Espírito onde reinam o desânimo e o fatalismo. (FRANCISCO, 2023).

A missiologia de Francisco

Trata-se de uma missão a amplo raio, que envolve a todos – “seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações” (EG 120) – dirigida a todos – “não vos esqueçais desta palavra: todos, todos, todos” (FRANCISCO, 2023) – e orientada por um outro “mapa” e por outra mentalidade. Com efeito, se antes

era mais simples distinguir entre duas vertentes bastante claras: duma parte, um mundo cristão e, da outra, um mundo carecido ainda de ser evangelizado. Agora, esta situação já não existe. [...] Nas grandes cidades, precisamos de outros “mapas”, outros paradigmas, que nos ajudem a situar novamente os nossos modos de pensar e as nossas atitudes: já não estamos, irmãos e irmãs, na cristandade! (FRANCISCO, 2019a).

Fim da cristandade, fim de um modelo de missão: trata-se de se *situar* em outra realidade que exige por parte da Igreja “uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25).

4 OS CAMINHOS DA MISSÃO: MISSIO CUM GENTIBUS

Outra peculiaridade fundamental do papa latino-americano de viver e pensar a missão da Igreja, é o toque eminentemente pastoral que aponta o caminho de *como* concretamente essa missão tem que ser assumida, impulsionada e caracterizada. Destarte, para Francisco a missão é configurada em torno dos termos “proximidade e encontro”, que é “a maneira como Deus se revelou na história”: essa “proximidade toma forma de diálogo e cria uma cultura do encontro” (FRANCISCO, 2013).

Ele se queixa que na América Latina e Caribe “existem pastorais ‘distantes’, pastorais disciplinares que privilegiam os princípios, as condutas, os procedimentos organizacionais... Obviamente sem proximidade, sem ternura, nem carinho” (FRANCISCO, 2013).

Na *Evangelii gaudium* ele pontualiza que

o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG 88).

O próprio Francisco retoma “traços distintivos” do que ele entende por missão, propondo quase uma hermenêutica da *Evangelii gaudium*, na mensagem à Assembleia Geral das Pontifícias Obras Missionárias, que devia ser realizada maio de 2020, mas que foi cancelada por causa da pandemia de COVID-19 (FRANCISCO, 2020). O papa ressalta sete pontos fundamentais para qualquer prática missionária autêntica.

Primeiro, *atração* (EG 14, 131): a Igreja anuncia o Evangelho pela força da atração exercida pelo próprio Cristo e pelo seu Espírito, pois “se manifesta, mais atraente do que as seduções que fazem apelo ao egoísmo, consequência do pecado”. A fé se transmite não através do convencimento, mas através do testemunho: “a alegria que transparece nas pessoas que são atraídas por Cristo e pelo seu Espírito é o que pode tornar fecunda qualquer iniciativa missionária”.

Segundo, *gratuidade* (EG 48, 111, 114, 162, 179): que nasce da gratidão pela iniciativa gratuita do pai: “a predileção amorosa do Senhor surpreende-nos e gera maravilha”, pela qual “colocar-se ‘em estado de missão’ é um reflexo da gratidão”. Só na liberdade da gratidão é que se conhece verdadeiramente o Senhor: “por isso, não vale nada e sobretudo não é apropriado insistir na apresentação da missão e do anúncio do Evangelho como se fossem um dever vinculante, uma espécie de ‘obrigação contratual’ dos batizados”.

Terceiro, *humildade* (EG 128, 146, 240, 288): a verdade, a fé, a salvação não são metas alcançadas pelos nossos méritos: “jamais se pode pensar em servir a missão da Igreja cultivando a arrogância”. O anúncio “se partilha com uma atitude humilde e testemunhal de quem sempre sabe aprender, com a consciência de que esta mensagem é tão rica e profunda que sempre nos ultrapassa” (EG 128).

Quarto, *facilitar, não complicar* (EG 28, 32, 47, 94, 194, 246): Francisco chama a paciência jesuana de “característica do trabalho missionário autêntico”: acompanhar os pequenos passos no meio de grandes limitações humanas. “Um coração missionário reconhece a condição real em que se encontram as pessoas reais”: os evangelizadores não são “vendedores impacientes que se lamentam porque a gente é demasiado rude e primitiva para se interessar pela sua mercadoria”, como também não deve “impor percursos sofisticados e trabalhosos de formação para usufruir daquilo que o Senhor concede com facilidade”.

Quinto, *aproximação à vida real* (EG 24, 95, 115, 150, 154, 181, 182, 270): o anúncio de salvação de Jesus alcança as pessoas sempre onde estão e como estão, nas suas vidas concretas: “sobretudo neste tempo em que vivemos, não se trata de inventar percursos de preparação ‘reservados’, criar mundos paralelos, criar bolhas mediáticas onde fazer ressoar os próprios slogans”.

Sexto, *o sensus fidei do povo de Deus* (EG 31, 119, 198): “há um povo que possui uma espécie de ‘olfato’ que pressente o Espírito Santo e a sua ação”. Esse povo, ungido pelo Senhor, tem um “*instinto da fé*” que “o ajuda a não se enganar nas coisas de Deus que crê, embora não conheça raciocínios e fórmulas teológicas para definir os dons que experimenta”. Desta maneira, “torna-se infalível ‘*in credendo*’, como ensina a Tradição da Igreja”.

Sétimo, *predileção pelos humildes e os pobres* (EG 48, 58, 80, 97, 125, 186-216): particularmente, as pessoas envolvidas em organismos e projetos missionários “nunca deveriam justificar a sua falta de atenção aos pobres com a desculpa – muito usada em certos círculos

A missiologia de Francisco

eclesiásticos – de ter que concentrar as suas energias em tarefas prioritárias para a missão”. Para Francisco, a preferência pelos pobres não é uma opção facultativa.

O papa continua denunciando que “na Igreja há muitas situações em que o primado da graça permanece apenas como um postulado teórico, uma fórmula abstrata”, quando invés há muitas iniciativas autorreferenciais de autopromoção por parte de grupos, pastorais e movimentos, “como se isto fosse o objetivo e o horizonte da missão” (FRANCISCO, 2020).

Muitas vezes comportamo-nos como

uma classe superior de especialistas que procura ampliar os seus espaços em cumplicidade ou em concorrência com outras elites eclesiais [,] tentação elitista às vezes acompanhada por um sentimento de impaciência face à multidão dos batizados. [...] O próprio povo de Deus é visto como uma massa inerte, que precisa incessantemente de ser animada e mobilizada através duma “tomada de consciência” [...] como se a certeza da fé fosse consequência de um discurso persuasivo ou de métodos de preparação (FRANCISCO, 2020).

Palavras fortes e decididas, dirigidas aos organismos missionários antepostos a coordenar a cooperação missionária, mas que, no fundo, são dirigidas a todo segmento eclesial frente à tentação de cair na armadilha funcionalista: o anseio obsessivo para que o povo de Deus assuma uma consciência missionária militante, produza frutos concretos de compromisso, torne sua ação evangelizadora realmente eficaz, arrebanhando *afastados*, angariando recursos, promovendo vocações, transformando assim comunidades, paróquias, dioceses, congregações religiosas, movimentos eclesiais, em ONGs em função apenas de si mesmos.

Aqui se enxerta o sentido crucial e destemido da perspectiva da “conversão pastoral”, anunciada em Santo Domingo (DSD 30), retomada e desenvolvida em Aparecida (DAp 7). No fundo, se trata de redescobrir a Igreja e sua missão no seio do povo de Deus, sua aprimorada vocação popular, integralmente sinodal, imanentemente envolvida “na trama da vida real das pessoas” (FRANCISCO, 2020): “é preciso desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte duma alegria superior” (EG 268).

Afinal, “a conversão pastoral diz respeito, principalmente, às atitudes e a uma reforma de vida”: trata-se de um *processo* que precisa ser acompanhado e discernido, porque nesse caminho aparecem tentações como a ideologização da mensagem evangélica, o funcionalismo e o clericalismo (FRANCISCO, 2013): “a bondade da missão depende do caminho de saída de si mesmo, do desejo de não centrar a vida em si próprio, mas em Jesus, em Jesus que veio para servir e não para ser servido (Mc 10,45)” (FRANCISCO, 2022).

CONCLUSÃO

O papa jesuíta atinge sem dúvida das fontes inicianas e das fontes da tradição eclesial latino-americana. Sua visão de missão está fortemente alimentada por estes dois grandes mananciais, assim como sua práxis pastoral, seu ministério e seu magistério de bispo de Roma e

romano pontífice da Igreja católica: “também o papado e as estruturas centrais da Igreja universal precisam de ouvir este apelo a uma conversão pastoral” (EG 32).

Dessa visão de missão *procede* uma peculiar visão de Igreja, extremamente fiel à renovação conciliar e, ao mesmo tempo, não anteposta à missão com suas implicações, exigências e compromissos para os dias de hoje. Para Francisco, a missão vem sempre antes. A partir de um ver-julgar-agir subjacente, o papa latino-americano pensa a Igreja a partir dos desafios missionários, a partir dos últimos, a partir das periferias existenciais: qual Igreja para a qual missão hoje (e não vice-versa).

Por sua vez, essa missão tem um pressuposto fundamental que é o encontro com Jesus: essa centralidade assume em Bergoglio uma força arrebatadora, para que a Igreja possa jamais se considerar o “fim” da missão, mas sempre ordenada ao Reino (RM 18). De igual maneira, para os discípulos-missionários, isso corresponde a uma descentralização que os envia a habitar as periferias existenciais para anunciar a alegria do Evangelho, viver sua ternura gratuitamente, alimentar a esperança dos pobres e dos outros e convidar todos e todas a participar da vida divina.

A reforma quista por Francisco encontra aqui seus fundamentos: afinal, nada mais e nada menos do que o Evangelho *sine glossa*. A renovação da Igreja está estreitamente vinculada ao resgate de sua essência missionária, no momento em que se vê obrigada a sair de si para reinventar-se diante de novas situações, novos desafios, novos interlocutores, novas culturas e novas questões. ✨

REFERÊNCIAS

BEVANS, Stephen; SCHOEDER, Roger. **Diálogo profético**: reflexão sobre a missão cristã hoje. São Paulo: Paulinas, 2016.

BOSCH, David. **Missão transformadora**: mudança de paradigma na teologia da missão. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Ad gentes: sobre a atividade missionária da Igreja. **Santa Sé**, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 6 abr. 2024.

COUTO, Joaquim Miguel. Raúl Prebisch e a concepção e evolução do sistema centro-periferia. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 37, n. 146, p. 65-87, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v37n1/1809-4538-rep-37-01-00065.pdf>. Acesso em: 3 out. 2018.

FRANCISCO. Angelus. **Santa Sé**, 12 out. 2014a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20141012.html. Acesso em: 6 abr. 2024.

FRANCISCO. Discurso do papa Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios. **Santa Sé**, 21 dez. 2019a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html. Acesso em: 6 abr. 2024.

A missiologia de Francisco

FRANCISCO. Mensagem de papa Francisco para o XCVIII Dia Mundial das Missões 2024. **Santa Sé**, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20240125-giornata-missionaria.html>. Acesso em: 6 abr. 2024.

FRANCISCO. Mensagem de papa Francisco para o Dia Mundial das Missões de 2014. **Santa Sé**, 8 jun. 2014b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20140608_giornata-missionaria2014.html. Acesso em: 6 abr. 2024.

FRANCISCO. Mensagem de papa Francisco para o Dia Mundial das Missões de 2019. **Santa Sé**, 9 jun. 2019b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html. Acesso em: 6 abr. 2024.

FRANCISCO. Mensagem do papa Francisco às Pontifícias Obras Missionárias. **Santa Sé**, 12 maio 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2022/documents/20220512-messaggio-pom.html>. Acesso em: 6 abr. 2024.

FRANCISCO. Mensagem do papa Francisco às Pontifícias Obras Missionárias. **Santa Sé**, 21 maio 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200521_messaggio-pom.html. Acesso em: 6 abr. 2024.

FRANCISCO. Viagem apostólica do papa Francisco a Portugal por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude: homilia do santo padre. **Santa Sé**, 2 ago. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2023/documents/20230802-portogallo-omelia.html>. Acesso em: 6 abr. 2024.

FRANCISCO. Viagem apostólica do papa Francisco ao Equador, Bolívia e Paraguai. Participação ao II Encontro Mundial dos Movimentos Populares: discurso do santo padre. **Santa Sé**, 9 jul. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso: 6 abr. 2024.

FRANCISCO. Visita apostólica do papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude: discurso do santo padre. **Santa Sé**, 28 jul. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em: 6 abr. 2024.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **La verità vi farà liberi**. Confronti. Brescia: Queriniana, 1990.

JOÃO PAULO II. Carta encíclica Redemptoris missio: sobre a validade permanente do mandato missionário. **Santa Sé**, 7 dez. 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 7 fev. 2024.

MOLTMANN, Jürgen. **A Igreja no poder do Espírito**: uma contribuição à eclesiologia messiânica. Santo André: Academia Cristã, 2013.

PAULO VI. Exortação apostólica Evangelii nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. **Santa Sé**, 8 dez. 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 8 dez. 2023.

SPADARO, Antonio. Entrevista a papa Francesco. **La Civiltà Cattolica**, Roma, v. 3, n. 3918, p. 449-477, set. 2013. Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.it/wp-content/uploads/2013/09/SPADARO-INTERVISTA-PAPA-PP.-449-477.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2018.

Recebido em: 31/03/2024.

Aceito em: 16/06/2024.